

Modernização e imigração

Os altos preços atingidos pelo café no mercado internacional, a melhoria das vias de comunicação, o aperfeiçoamento dos meios de transporte, a possibilidade de empregar, cada vez em maior escala, processos mecanizados para o beneficiamento do café, o fenômeno da urbanização característico da segunda metade do século, o crescimento da população, modificavam as condições econômicas das áreas cafeeiras, criando novas perspectivas para o trabalho livre. (Emília Viotti da Costa, *Da senzala à colônia*, p.188).

Muitas vezes, um pequeno texto diz muita coisa. É o caso do texto acima. Ele nos servirá de roteiro para a aula de hoje. Seguiremos a sua ordenação. Inicialmente, veremos a modernização da economia cafeeira. Depois, estudaremos o que a autora denominou “fenômeno da urbanização”, e que também podemos chamar de expansão urbana. Finalmente, veremos aspectos importantes da introdução do trabalho livre e imigrante na economia brasileira, particularmente na grande lavoura cafeeira.

Abertura

A nova onda verde em terras paulistas

A onda verde nasceu humilde nas terras fluminenses. Tomou vulto, desbordou para São Paulo (...). Aí começa o mestre Café a perceber que estava em casa (...). A região era toda um mataréu virgem de majestosa beleza.

Trecho de *A onda verde*, de Monteiro Lobato, citado por Ana Luiza Martins, *O império do café*, p. 36

Movimento

As palavras do escritor Monteiro Lobato relatam um pouco da marcha do café em direção ao oeste paulista. Ali, naquela grande região, o café encontrou condições ótimas para se desenvolver: bom clima, excelente solo, terras em abundância. O café encontrava-se realmente em casa.

Agora, na segunda metade do século XIX, a produção cafeeira concentrava-se em duas grandes regiões: no vale do Paraíba e no oeste paulista.

A primeira das regiões citadas manteve-se como principal área de produção cafeeira até as últimas décadas do século. A partir daí, o vale do Paraíba esbarrou em seus próprios limites. A grande maioria dos produtores rurais não apostou na modernização da produção. As tentativas de criação de colônias de imigrantes não vingaram na província fluminense.

Muitos ainda desconfiavam das possibilidades da utilização da mão-de-obra livre e imigrante. Lacerda Werneck, filho de Francisco Werneck, seguindo os passos do pai, afirmava em 1855:

Força é confessar que a grande cultura só pode ser sustentada pelos agricultores que possuíam escravos em número suficiente para o custeio das suas fazendas. Tempo virá por certo em que a produção, fazendo crescer a população livre, autorize a abolição da escravidão, mas atualmente, sem pessoal livre no país, os instintos de nossa conservação nacional nos aconselham por certo o incremento da população escrava.

Citado por Emília Viotti da Costa, *Da senzala à colônia*, p. 129-130

Eram palavras que confiavam na permanência do trabalho escravo. Não foi, portanto, a carência de mão-de-obra que abalou o dinamismo do vale do Paraíba. Para vários autores, o problema central era a disponibilidade de terras. Como o café era uma cultura extensiva, necessitava de uma “fronteira aberta”. A partir de um determinado momento, isso não foi mais possível.

(...) o vale do Paraíba tinha limites geográficos claros e não havia muito por onde avançar. Como resultado, as terras cansadas, atingidas pela erosão, tornaram-se de baixa rentabilidade e seu valor declinou. Às vésperas da abolição da escravatura, o grande investimento dos fazendeiros da região era constituído de escravos, fato que por si só demonstra o impacto aí causado pela chamada Lei Áurea.

Boris Fausto, *História do Brasil*, p. 201

Já a situação do oeste paulista era bastante diferente. Como vimos, a região contava com um “matagal virgem” à sua frente. A produção extensiva pôde encontrar ali seu livre curso.

O trabalho escravo também estava presente. Mas a “falta de braços” era um problema que, aos poucos, se tornava mais visível. Daí a necessidade de um maior investimento em tecnologia. O trabalho livre e imigrante também passava a ser visto, por vários produtores, de forma mais positiva.

Na década de 1880, boa parte dos fazendeiros do oeste paulista investia em máquinas. Em muitas fazendas,

o café era transportado para a casa de máquinas, pilado, descorticado, escolhido, brunido e ensacado e pesado, tudo mecanicamente.

Emília Viotti da Costa, *Da senzala à colônia*, p. 187

A grande melhoria dos transportes, com a criação das estradas de ferro, foi outro importante fator de modernização da economia cafeeira. A Estrada de Ferro D. Pedro II tornou-se fundamental para o escoamento da produção do vale do Paraíba; já a Estrada de Ferro Santos–Jundiaí foi a primeira da importante ferrovia que passou a ligar o oeste paulista ao litoral.

Terreiro para a secagem de café.



Os capitais advindos do café impulsionariam também atividades urbanas. É o que veremos a seguir.

No final do século XIX, o vale do Paraíba e o oeste paulista apresentavam grandes diferenças econômicas e sociais. Alguns historiadores, ao analisar essas diferenças, passaram a tratar a primeira região como sinônimo do atraso, e a segunda como lugar do progresso.

Mais recentemente, essa interpretação vem sendo questionada. Boris Fausto afirma:

Seria ilusório pensar que os grupos sociais do vale do Paraíba e do oeste paulista fossem inteiramente diversos, um representando o “velho”, a aristocracia decadente, e o outro o “novo”, a burguesia empreendedora. Até porque membros da família do vale (...) abriram fazendas nas áreas novas.(...)

Na realidade, os dois grupos partiram de pressupostos comuns e se diversificaram em função de realidades diferentes do meio físico e social. Ambos praticaram a agricultura extensiva e utilizaram amplamente a mão-de-obra escrava. Os fazendeiros paulistas não se voltaram para o imigrante porque acreditavam nas virtudes ou na maior rentabilidade do trabalho livre, mas porque a alternativa do escravo desaparecia e era preciso dar uma resposta para o problema.

Boris Fausto, *História do Brasil*, p. 203

Vida urbana

A expansão cafeeira produziu riquezas e cidades. Na Aula 16, vimos que a marcha do café na província fluminense favoreceu a criação e o desenvolvimento de vários núcleos urbanos (Vassouras, Resende, Cantagalo). Na província de São Paulo, o fenômeno se repetiu. Entre as décadas de 1850 e 1880, formaram-se cidades como Ribeirão Preto, Barretos, São José do Rio Preto e muitas outras.

A cidade de Santos transformou-se em grande porto exportador de café. A capital, São Paulo, crescia, no final do século, a taxas impressionantes.

A grande arrancada se deu entre 1890 e 1900, período em que a população paulistana passou de 64.934 para 239.820 habitantes, registrando uma elevação de 268% em 10 anos (...). Em 1890, São Paulo era a quinta cidade brasileira, abaixo do Rio de Janeiro, Salvador, Recife e Belém. No início do século chegaria ao segundo lugar, embora ainda muito distante dos 688 mil habitantes da capital da República. Em comparação com o Rio de Janeiro, São Paulo continuava a ser apenas a capital de uma grande província.

Boris Fausto, *História do Brasil*, p. 286

A cidade do Rio de Janeiro, a capital do Império, foi a que mais se modificou naquela segunda metade do século XIX. No centro da cidade, foram introduzidos importantes melhoramentos urbanos (calçamento, limpeza das ruas, iluminação a gás e esgotos sanitários).

Em tempo



Fábricas, transportes coletivos e reformas urbanas eram sinais da grande modificação pela qual o Brasil passava.

Em grande parte, esses serviços eram criados e mantidos por empresas de capital externo. As grandes casas comerciais, os consulados, os bancos e companhias de navegação localizavam-se, em geral, nessas áreas mais beneficiadas. No centro, viviam também as populações mais pobres.

Estas, sem nenhum poder de mobilidade, dependiam de uma localização central, ou periférica ao centro, para sobreviver. Com efeito, para muitos, livres ou escravos, a procura do trabalho era diária, e este apenas era encontrado na área central.

Maurício de Almeida Abreu, *Evolução urbana do Rio de Janeiro*, p. 42

Com a adoção de novos meios de transporte (como trens e bondes) nas décadas de 1860 e 1870, essa situação foi, em parte, modificada.



Estação da Estrada de Ferro d. Pedro II

Os quadros* revelam os números da modernização do país, nessa época.

NÚMERO DE PATENTES INDUSTRIAIS EXPEDIDAS

Até 1850	15
1851–1855	40
1856–1860	27
1861–1865	41
1866–1870	53
1871–1875	61
1876–1880	194
1881–1889	955

LINHAS TELEGRÁFICAS

1864	187 km
1875	6.285 km
1889	18.925 km

Um dos responsáveis pela melhoria dos serviços na cidade do Rio de Janeiro foi Irineu Evangelista de Sousa, o barão de Mauá. Vale a pena conhecer um pouco a trajetória deste que foi um dos primeiros empresários brasileiros.

Nascido no Rio Grande do Sul, em família de poucos recursos, empregou-se ainda jovem em estabelecimentos comerciais. Logo tornou-se sócio de uma firma inglesa chamada Carruthers & Cia. Aos 33 anos, em 1846, criou a fundição de Ponta d'Areia, no Rio de Janeiro, a qual, com apenas um ano de funcionamento já havia produzido

(...) tubos para encanamento d'água, caldeiras para máquinas a vapor, (...) guindastes, prensas (...) e outra coisas mais, além de 72 navios.

Heitor Ferreira Lima, *Mauá e Roberto Simonsen*, p. 17

Mauá também foi responsável pelo incremento dos serviços de gás e de bondes na cidade do Rio de Janeiro. Criou ainda bancos, empresas de navegação e estradas de ferro. Seus empreendimentos, no entanto, não tiveram vida muito longa. Não resistiram à falta de apoio governamental e à concorrência externa.

* Fonte dos quadros: Carlos Guilherme Mota, em *Brasil em perspectiva*, São Paulo, Difel, 1968.

De qualquer forma, o país se modernizava. O fim do tráfico negreiro internacional havia liberado muitos capitais que puderam ser investidos em outras atividades, inclusive industriais. Apenas nas décadas de 1850 e 1860, foram fundadas

62 empresas industriais, 14 bancos, três caixas econômicas, 20 companhias de navegação a vapor, 23 companhias de seguros, 8 estradas de ferro, além de uma empresa de mineração, transporte urbano, gás e etc.

Antônio Mendes Jr. e outros, *Brasil História – Império*, p. 294

Na capital do Império, os hábitos também se modificavam. Os grandes fazendeiros mudavam-se para a cidade do Rio de Janeiro para aproveitar melhor a vida. Eram construídos hotéis, teatros, jardins e cafés. Surgiam novos jornais. A rua do Ouvidor tornara-se o ponto nobre da cidade.

Escreva um pequeno texto comentando a modernização econômica brasileira ocorrida na segunda metade do século XIX.

Pausa

Imigrantes no Brasil

A segunda metade do século XIX marcaria também o início de uma política mais agressiva de estímulo à imigração europeia para o Brasil. Essa política teve duas vertentes: uma voltada para a ocupação de áreas estratégicas ou pouco povoadas; e outra orientada fundamentalmente para as grandes fazendas de café.

Naquela época, iniciava-se a maior migração dos povos até então já ocorrida na História. Apenas entre 1846 e 1875,

(...) uma quantidade bem superior a 9 milhões de europeus deixou a Europa, e a grande maioria seguiu para os Estados Unidos. Isto equivalia a mais de quatro vezes a população de Londres em 1851. No meio século precedente tal movimentação não deve ter sido superior a um milhão e meio de pessoas no todo.

Eric J. Hobsbawm, *A era do capital*, p. 207

Os europeus emigravam fundamentalmente por razões econômicas. Naquela Europa em transformação, faltavam empregos e havia enormes dificuldades de acesso à terra. Quem sabe em outro lugar – América, Austrália – não seria possível viver com dignidade?

A criação de colônias de imigrantes europeus em território brasileiro era um projeto que remontava aos tempos de d. João VI. Em 1818, foi fundada, na província do Rio de Janeiro, a colônia suíça de Nova Friburgo. Os colonos receberam terras para abastecer a Corte. Mas o isolamento e a falta de maiores estímulos prejudicaram o desenvolvimento da colônia. Vários colonos foram obrigados a buscar terras melhores em outras localidades.

A política de colonização ganhou maior impulso na região Sul do país. Em 1824, fundou-se a colônia de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul. Lá, imigrantes alemães inauguraram um tipo de colonização que se baseava no trabalho familiar e na policultura. São Leopoldo serviria de modelo para

a criação de diversos outros empreendimentos alemães na serra gaúcha, conforme Maria Tereza Petrone (*O imigrante e a pequena propriedade*, p. 27). Mais tarde, a colonização italiana ganhou impulso na região de Campos dos Bugres, que daria origem à importante cidade gaúcha de Caxias do Sul.

A formação de colônias em terras gaúchas e catarinenses tinha por principal objetivo promover a ocupação de regiões pouco povoadas e consideradas estratégicas para a integração e a segurança do território brasileiro.

Já no Sudeste cafeeiro, a colonização imigrante esbarrou em alguns problemas: apesar do interesse dos governos provinciais, tanto em Minas Gerais como no Rio de Janeiro, o grande número de escravos africanos supria as maiores necessidades da lavoura.

O trabalho imigrante seria mais valorizado em São Paulo, especialmente nas áreas mais novas do café, onde a “falta de braços” tornara-se um grave problema. Mas, mesmo em São Paulo, a substituição do escravo pelo homem livre não foi muito fácil. O fracasso da experiência do sistema de parceria, adotado no final da década de 1840, desmoralizou os esforços dos defensores das colônias de imigrantes.

Em tempo

As colônias de parceria foram estabelecidas em São Paulo nas décadas de 1840 e 1850. Em tese, o lucro líquido da venda do café seria igualmente dividido entre o fazendeiro e o colono. Na prática, porém, não foi isso que ocorreu.

O colono era onerado com várias despesas, a principal das quais era o pagamento do transporte e gastos de viagem dele e de toda a sua família, além da sua manutenção até os primeiros resultados do seu trabalho (...). Quando não estava satisfeito com um patrão, querendo mudar de fazenda, só podia fazê-lo procurando “para si um novo comparador e proprietário”, isto é, alguém que saldasse seus débitos para com o fazendeiro.

José de Souza Martins, *O cativo da terra*, p. 63

Na década de 1870, a situação se modificou. O governo provincial de São Paulo passou a arcar com os custos da mão-de-obra imigrante. Iniciava-se a **imigração subsidiada**. Até mesmo hospedarias foram criadas para receber os imigrantes.

A Hospedaria de Imigrantes do Brás, completada em 1888, (...) foi edificada por iniciativa do presidente da província, Antônio de Queirós Teles. O prédio até hoje existente tinha capacidade para abrigar cerca de 4 mil pessoas.

Boris Fausto, *História do Brasil*, p. 206

A partir daí, a imigração crescerá rapidamente. Melhores condições de trabalho passaram a ser oferecidas aos imigrantes.

Começou a generalização de um regime misto, pelo qual o imigrante recebia casa, pasto e um hectare de terra para plantar o necessário ao seu sustento, e mais 50\$000 por ano, para tratar de mil pés de café (...). Com esse sistema de remuneração e as novas possibilidades oferecidas pela imigração, o fazendeiro de café encontrou a maneira de substituir vantajosamente o escravo pelo trabalhador livre.

Emília Viotti da Costa, *Da senzala à colônia*, p. 196-197



Estas ilustrações mostram escravos e imigrantes que, no final do século XIX, constituíam a mescla de mão-de-obra para a agricultura brasileira. Aos poucos, a imigração se transformou na principal fonte de trabalhadores para nossas lavouras.

Todo esse longo processo de substituição da mão-de-obra escrava pela livre foi acompanhado de uma enorme discussão entre as elites brasileiras. Para alguns, a escravidão africana era um **mal necessário**. Para outros, apenas o imigrante poderia “melhorar nossa população”, “aprimorar nossa raça”.

Era a defesa da tese do **branqueamento**, só possível com a vinda do “sangue europeu”. Muito poucos defendiam o trabalhador livre nacional.

Para a grande maioria, o homem livre brasileiro era “dominado pela preguiça, pela aversão ao trabalho”. A força dessas idéias racistas, tão comuns naquele final de século XIX, certamente foi também um dos fatores que estimularam a vinda de imigrantes europeus para o Brasil.



Pausa

Releia a aula e escreva um pequeno texto estabelecendo relações entre a modernização da economia brasileira e o avanço do trabalho livre e imigrante no Brasil.

Últimas palavras

Esta aula tratou de alguns aspectos importantes da modernização da economia e da sociedade brasileiras na segunda metade do século XIX. O país, ou pelo menos o Centro-Sul, mudara sua face.

Nas próximas aulas, estudaremos a crise da ordem monárquica e o estabelecimento da República. Acompanharemos os últimos momentos do Império do Brasil. Não perca.

Exercícios

Exercício 1

Releia o item **A nova onda verde em terras paulistas** e identifique os principais fatores responsáveis pela modernização da economia cafeeira no oeste paulista.

Exercício 2

Releia o item **Imigrantes no Brasil** e caracterize as duas vertentes da política governamental de estímulos à imigração europeia para o Brasil.

